

A política na linguagem sarcástica do humor

GOULART, Gabriela Tosta¹

Resumo: Este artigo tem o objetivo de discutir a política na linguagem sarcástica do humor no Jornal *O Nacional*, tomando como base interpretativa o humor e as críticas contidas nos itens de estudo. O periódico foi fundado em 1925, em Passo Fundo, mas somente em 1946 adotou a ilustração com legenda sarcástica como forma de expressar as peripécias políticas e administrativas e seu descontento com elas. O recorte analisado concentra-se no ano de 1946, apesar destas ilustrações terem se estendido pelos anos seguintes, pois este foi o primeiro ano de transição para uma nova linha editorial e um novo layout do jornal diário *O Nacional*. Sob o título de “Uma por dia”, o humor das legendas das ilustrações embebidas em sarcasmo, não poupava políticos e nem mesmo a sociedade. Este modelo de linguagem, que há muito permeava a imprensa nacional, foi introduzido em *O Nacional* pelo novo proprietário do veículo passofundense, Múcio de Castro em 1939. O alvo principal das críticas políticas era Arthur Ferreira Filho, conhecido e, muitas vezes denominado pelo *O Nacional*, como o coronel prefeito. Em 1946 Ferreira Filho estava em sua terceira administração em Passo Fundo, todas direcionadas pela interventoria estadual, em especial neste período do recorte Cilon Rosa o havia nomeado para assumir a prefeitura de Passo Fundo.

Palavras-chave: Imprensa; Política; Ilustração.

The policy on language sarcastic of funny

Abstract: This article aims to discuss policy on language sarcastic humor in the newspaper *O Nacional*, taking as interpretative base humor and criticism contained in the study items. The journal was founded in 1925, in Passo Fundo, but only in 1946 adopted the illustration with sarcastic caption as a way to express the political and administrative shenanigans and his discontent with them. The analysis focuses cut in 1946, although these illustrations have extended the following year, as this was the first year of transition to a new editorial line and a new layout of the daily newspaper The National. Under the title "One a day," the mood of the captions embedded illustrations sarcasm, did not spare politicians and even society. This language model, which has long permeated *O Nacional* press, was introduced in *O Nacional* by the new owner of the vehicle passofundense, Múcio Castro in 1939. The main target of political criticism was Arthur Ferreira Filho, known and often called by *O Nacional*, as colonel mayor. In 1946 Ferreira Filho was in his third administration in Passo Fundo, all directed by the state interventoria, especially in this Cilon Rosa cut the period had appointed to take the city of Passo Fundo

Keywords: Press; Policy; Illustration.

¹ Graduação em Comunicação Social pela Universidade de Passo Fundo. Doutoranda em História pela Universidade de Passo Fundo. Professora do Instituto Federal de Farroupilha. Email: gabi_goulrt@hotmail.com

INTRODUÇÃO

O Jornal *O Nacional* foi fundado em 1925 por Herculano Araujo Annes, era inicialmente semanal, durante o segundo e o terceiro ano bissemanal e, a partir do quarto ano, trissemanal. Sob sua administração permaneceu até 1938. A partir de 1939, o veículo impresso foi adquirido por Múcio de Castro, na família do qual a propriedade da folha encontra-se em mãos até hoje. No ano de recorte deste estudo, esta folha circulava diariamente, com no mínimo 4 páginas, chegando a 8 ou mais em suas edições especiais de homenagem e aniversário, contudo não é possível precisar a tiragem, pois não consta esta informação nas edições utilizadas neste estudo.

Em *O Nacional*, as ilustrações intituladas “Uma por dia”, possuíram seu espaço, em praticamente todas as edições de 1946, reservado aleatoriamente na primeira página. Trata-se aleatoriamente pelo fato de não estar concentrada em um espaço específico da primeira página, em uma edição poderia estar no topo, bem como na seguinte encontrar-se no rodapé desta. As críticas concentravam-se primeiramente na política e, em algumas vezes, na sociedade. Na questão política a crítica enfatizava falhas na administração pública, atitudes políticas prejudiciais à sociedade, decisões que contrariavam a diretriz esperada pelo jornal dos mesmos. Enquanto crítica à sociedade, a folha enfatizava comportamento da alta sociedade, mais voltada a situações observadas nas altas rodas e nos clubes recreativos existentes na época.

Tal trânsito do político ao social é procedente ao analisarmos a ilustração enquanto gênero discursivo, pois estes meios de expressões dos impressos possibilitam uma vasta leitura. De acordo com Dolabella (2007, p. 267), a crítica desenvolvida pela retomada de formas ilustrativas, permite a reflexão por meio de um “riso irônico” e, na maior parte dos veículos impressos, encontra-se na primeira página.

O destaque não está na ilustração de *O Nacional* em si, pois é de certa forma enfadonha e pouco variada, mas, sim no sarcasmo do texto complementar. O humor narrativo complementa o desenho que aparenta ser uma caricatura de figuras reais da sociedade local. Em vista a isto, Dolabella (2007, p.267) complementa que,

para interpretar uma charge, ou um cartum, o leitor precisa de ferramentas como leitura de imagens, conexão entre textos verbal e não verbal e contextualização.

Isso não significa que basta o que está grafado no papel, seja imagem seja palavra, para entender esse tipo de texto (DOLABELLA, 2007, p.267).

Já Charaudeau (2006, p.175), entende este tipo de texto como uma troca situacional, levada à decisão, um aporte intelectual, que exige raciocínio para instigar a tomada de decisão do leitor, “e desta atividade não há ninguém, no fim da troca, que saia incólume” (CHARAUDEAU, 2006, p. 175).

O sarcasmo fere a sensibilidade de quem o recebe. As críticas de *O Nacional* embebiavam-se neste artifício. No entanto, para compreender o processo, é necessário que façamos distinções no entendimento do significado. De acordo com Holanda (2010, p. 685), sarcasmo designa uma zombaria e é uma linguagem utilizada para ferir mesmo a sensibilidade de quem recebe. Para Davies (2011, p.95), é a depreciação do oponente no campo político que desperta o riso através da realidade crítica temível apresentada na legenda da ilustração. É a legenda da política ilustrada com sarcasmo que nos deteremos neste estudo.

1 A ILUSTRAÇÃO ENQUANTO GÊNERO JORNALÍSTICO NA HISTÓRIA

A charge, segundo Dolabella (2007, p.267) pretende exercer influência sobre o público mantendo o ponto de vista da proposta editorial como um norteador. Conforme este autor, há diferença entre charge e cartum:

Como traço característico, a charge tem a pretensão de influenciar a opinião dos leitores a respeito de algum ponto de vista adotado pelo veículo/empresa de comunicação onde é publicada. Isso é verificado na medida em que a charge ocupa espaços privilegiados nos jornais impressos, por exemplo, retomando alguma notícia de primeira página ou editoriais. Mas a charge não substitui o acompanhamento das notícias, porque charge não é informativa. A charge se fundamenta normalmente em uma crítica baseada em um acontecimento, ou uma série de acontecimentos, noticiado(s) pela grande imprensa, de uma determinada realidade sócio-econômica e, portanto, assume claramente uma posição política. O cartum, por outro lado, busca um foco no cotidiano, nas questões da condição humana. É por esse motivo que o cartum é, geralmente, “universal” e atemporal, ou seja, pode ser compreendido em diferentes culturas e sociedades em diferentes épocas (DOLABELLA, 2007, p. 267-268).

Remetendo especificamente à ilustração, exige uma compreensão prévia do que vem a criticar. Ela conecta-se com a necessidade do meio que a utiliza através de um conhecimento compartilhado do fato que remete. No caso de *O Nacional*, este tema compartilhado abrange o cenário político ou a alta sociedade. É a rede de conexões que influencia no processo de compreensão da memória, conforme Dolabella esclarece:

O cartum e a charge se baseiam nos saberes partilhados de sujeitos de um grupo social. São construídos a partir de um conhecimento prévio determinado, articulado a uma memória discursiva, em uma ampla rede de conexões para que, como falamos anteriormente, a mensagem produza o efeito desejado em um espaço físico do papel (aqui tratamos do material impresso) tão exíguo (DOLABELLA, 2007, p.268).

Conforme Aragão elucida, estas duas formas, o cartum e a charge, trazem à ilustração uma forma de legendá-la, ou de que a ilustração auxilie o código. É o caso das histórias sequenciadas em quadrinhos, pois elas herdam “elementos sígnicos, tais como balões de fala em lugar da tradicional legenda e a possibilidade da decupagem da narrativa em várias cenas separadas e inseridas em requadros, uma narrativa sequencial” (ARAGÃO, 2011, p. 115). A narrativa, independente do enquadramento que se dê, parte de uma informação que considera a parcialidade editorial do impresso, ou seja, o que Davies (2011, p. 95) denominaria de intertextualidade. Tal argumento é reforçado por Maringoni:

É claro que a própria informação não é neutra. Um redator ou um editor, quando escreve uma matéria, já toma diversas opções subjetivas sobre que aspecto do fato realçar, que ponto reforçar no título e em que lugar da página colocar a matéria. Estas opções induzem a uma determinada compreensão do fato narrado. Um massacre de trabalhadores sem-terra pode, por exemplo, ser relatado como uma reação bárbara de uma quadrilha de fazendeiros a um dos mais graves problemas sociais do país ou como uma legítima defesa da propriedade privada ameaçada por um bando de desordeiros que quer subverter a paz social (MARINGONI, 1996, p. 86).

Historicamente, conforme Beltrão (1960, p.29), o jornalismo pode utilizar-se de desenho, ou legendas, como meio de se expressar. Segundo o autor, mesmo sem ser a representação principal da notícia, a linguagem sarcástica da legenda da ilustração permite a possibilidade de fixação do conteúdo se torna mais consistente na interpretação disponibilizada para o leitor. Ao se referir à história da ilustração e a caricatura no jornalismo impresso, Beltrão (1960, p.18) resgata o período grego e os primeiros impressos na França e Inglaterra.

É nesta perspectiva que Beltrão (1960, p.36) também encara o jornalismo como um meio com função educativa e, independentemente de ser charge ou cartum, é uma ilustração orientativa. A ilustração como recurso crítico e, no caso de *O Nacional*, também sarcástica, visa elucidar a opinião pública em prol do “discernimento” sem o qual o jornalismo não conseguiria promover o bem comum, segundo Beltrão (1960, p.36).

Mesmo no gênero ilustrativo, neste caso do humor sarcástico, o autor defende a classificação do jornalismo em opinativo ou informativo. Para tais nomenclaturas ele renomeia, respectivamente, como eclético e ideológico. Isso se deve ao juízo que se insere na informação contextualizada, assim, “consideramos que os órgãos ditos de informação promoveriam a opinião pública tanto como aqueles [...] enquadrados num sistema filosófico, numa corrente política ou numa linha doutrinária...” (BELTRÃO, 1960, p. 61).

A imprensa nacional possuía histórico neste viés do jornalismo opinativo desde o princípio do período republicano, o que Ribeiro (2004, p.157) denomina de uma “tradição polemizadora do jornalismo político”, inserindo na fonte a legitimidade necessária para realizar o ato crítico nomeando-o como uma ação opinativa da imprensa. No entanto, alegando não possuir vínculo político em 1946, *O Nacional*, se reservava o direito de opinar para contribuir para a opinião pública. Tal defesa se respalda no cenário nacional, que seguiu e, quiçá ainda siga, a mesma premissa.

Diante dessas ponderações, parece-nos mais preciso falar ‘de um jornalismo eclético — aquele que não subordina os seus juízos a uma determinada doutrina, registrando os acontecimentos e como que nêles pondo as inferências acaso extraídas; e de puro jornalismo ideológico — aquele que possui um complexo de ideias que visa difundir e sob cujo crivo faz passar todos os seus julgamentos e opiniões. No primeiro caso, o fato é colhido, escolhido e exposto com maior ou menor ênfase e o comentário foge a qualquer rigidez ideológica, variando de acôrdo com as tendências ou exigências do público, num determinado momento histórico. No outro, a predominância é da orientação clara, direta, inflexível, apaixonada e, por vêzes, mesmo agressiva [sic]’ (BELTRÃO, 1960, p. 62).

A ilustração sarcástica viria a enquadrar-se neste conceito do jornalismo eclético, pois enquanto fonte ou referência posiciona-se ideologicamente à sociedade. Santos (2009, p.106) destaca que, para que estas ilustrações sejam aceitas pelos leitores, é necessário que o mundo dos mesmos esteja sintonizado com o sentido da mensagem transmitida pois, desta forma, o vínculo entre quem emite e quem recebe tem mais chances de ser realizado através da compreensão da visão transmitida. A “intenção humorística que vai determinar efetivamente a comicidade é o mecanismo macroestrutural da incongruência ou do paradoxo” (SANTOS, 2009, p.106).

Se tratando de uma ilustração nestes moldes, pode-se defini-la como um composto do gênero opinativo, ou eclético, como Beltrão define. Afinal, o que a instrumenta provém da seleção de seu editor. Este, por sua vez, possui seus

próprios ideais, que no caso de *O Nacional*, apesar da transição de propriedade de Herculano Annes para Múcio de Castro, manteve-se. Os sarcasmos ali inseridos são provenientes de uma ideologia, de uma emoção envolvida em uma situação relatada. Segundo Orlandi (2001, p.47), o discurso proveniente da “dimensão ideológica”, é o que condiciona a “constituição do sujeito e dos sentidos”, como se o discurso dominante e opinativo de *O Nacional* se torna “transparente” para o público.

2 O JORNALISMO, A HISTÓRIA E O CENÁRIO POLÍTICO

Beltrão afirma que o jornalismo trata dos acontecimentos recentes e a história os interpreta, ou seja, “o jornalismo é que prepara o lastro para a história, e com ela jamais se confundiu ou confunde, porque quando ela começa, ele já terminou. [...] Quando o jornalismo se vai estratificando, faz-se fonte principal da história” (BELTRÃO, 1960, p.38). E assim, neste limiar, o estudo combina-se às linhas da Nova História, defendida por Heinsfeld (2013, p.139) como a terceira geração dos Annales, caracterizando-se pela fragmentação do discurso histórico e pela ampliação de objetos e abordagens historiográficas, pois não abrange a sociedade como todo e, sim, somente, o cenário político. Pelas discussões de estudo trazidas pelo mesmo autor, poder-se-ia dimensioná-la na história das elites, pois no cenário passofundense considerado, os cidadãos inseridos na política e na imprensa provinham de famílias da alta sociedade.

A imprensa passofundense foi estudada sob diversos métodos, mas, neste caso, será abordada no método da Micro-História. Heinsfeld (2013, p. 139) refere-se a este método como um meio de abordagem para reduzir a escala de observação captando aqueles detalhes que escapam aos olhos em um estudo “panorâmico”. Quanto à análise proposta, Schmidt (2004, p. 27) afirma que é tarefa do historiador desconstruir as próprias fontes, o que não significa “desqualificá-las”, mas construir a narrativa a partir de pressupostos, como “a multiplicidade, a diversidade de caminhos e possibilidades e a liberdade de escolha, em um campo de possibilidades historicamente determinadas, onde os ‘sentidos’ são construídos durante o itinerário e não previamente”.

Esta pesquisa considera um cenário político específico. O ano de 1946 marca um ano da deposição de Vargas e da Constituição que redemocratizou o

país. De acordo com Santos (2009, p. 97), o período da deposição de Vargas foi chamada de período da redemocratização, no entanto, segundo os mesmos autores, foi visto como uma “tentativa, inédita, da sociedade brasileira, de desenvolver o processo político de acordo com um modelo democrático”. Os autores reforçam o argumento traçando esses limites democráticos: aplicação, razoável, dos estatutos legais; permissão da organização e manifestação político-partidária; participação popular na história política; e, a liberdade para expressão com contestações e reuniões populares.

Priori e Venancio (2010, p. 267) traçam um cenário pós 1945 distante do que Santos e Santos (1997, p.97) traçaram como permissivo às expressividades, “após 1945, as intervenções militares no sistema político não são um fato isolado, mas sim uma prática rotineira [...]” (PRIORI E VENANCIO, 2010, p.267). Além das intervenções militares, Priori e Venancio (2010) destacam a aceitação de um novo eleitorado, o feminino. Tal mudança, segundo os autores, influi diretamente até nos projetos políticos, bem como no perfil e na plataforma dos mesmos. Todos estes panoramas estavam, de certa forma, preparando a recepção do que viria a ser o populismo de 1950.

Críticas diretas neste período analisado, 1946, não eram bem aceitas pelos políticos da situação, muito se devendo à instabilidade entre PSD e PTB, conforme se explicará no subtítulo seguinte, por isso as ilustrações com legendas sarcásticas passaram despercebidas pelos olhos de alguns historiadores e é este olhar percebido que destina relevância ao objeto de pesquisa.

3 OS SARCAMOS POLÍTICOS DE O NACIONAL E A POLÍTICA EM PASSO FUNDO

A partir de 1945, Nicolau de Araújo Vergueiro e Antonio Bittencourt de Azambuja, notáveis políticos regionais, ganham destaque no âmbito federal como deputados nas legislaturas de 1945-1950. De acordo com Knack (2014, P.3), ambos pertenciam ao restrito grupo de políticos passofundenses com reconhecimento ascendente na elite regional em um estudo prosopográfico, feito pelo pesquisador, de 1945 a 1964. Francisco Antonino Xavier e Oliveira, conhecido como o pai da história de Passo Fundo, prefeito de Passo Fundo até fevereiro de 1946, foi “reorganizador emérito da administração municipal²”, grande apoiador nas gestões

² *O Nacional*, 6 de agosto de 1962.

municipais de Gervásio Lucas Annes e, posteriormente, Nicolau de Araújo Vergueiro. Também foi o responsável pela organização do arquivo municipal cujos arquivos embasavam seus estudos sobre o município, anos mais tarde elaborou o mapa geográfico do município e, além de tudo, ainda era “advogado nas horas vagas”. Com a saída de Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Arthur Ferreira Filho assume o cargo, permanecendo até fevereiro de 1947.

De acordo com Silva (2009, p.17-18), Arthur Ferreira Filho foi presidente da Academia Passofundense de Letras, o qual fez parte da primeira diretoria empossada em 1938³. Dentre os fundadores da Academia Passofundense de Letras, antigo Grêmio Passofundense de Letras, de acordo com os autores, estão: Armando de Souza Kanters, Arthur Ferreira Filho, Athos Branco da Rosa, Aurélio Amaral, Celso Fiori, Daniel Dipp, Francisco Antonino Xavier e Oliveira, Gabriel Bastos, Gomercindo dos Reis, Heitor Pinto da Silveira, Herculano Araujo Annes, J.J. Boeira Guedes, Lucila Vieira Schleder, Nicolau Araujo Vergueiro, Odete O. Barbieri, Onilde Gomide, Oscar Kneipp, Pedro Silveira Avancini, Píndaro Annes, Sabino Santos, Sante Uberto Barbieri, Tristão Feijó Ferreira, Túlio Fontoura, Verdi De César e Waldemar Camilo Ruas.

Parte das figuras letradas listadas, estão envolvidas no âmbito político e são citadas frequentemente nas páginas de *O Nacional*, no entanto, apenas alguns são citados nas críticas com mais frequência, mas nenhum deles marca tanta presença nas ilustrações sarcásticas quanto Arthur Ferreira Filho, o coronel prefeito. De acordo com Silva (2009, p.17), este político ingressou no cenário passo fundense em 1938, posteriormente retomou a posição em 1944 e, por último, novamente em 1946. Sobre a gestão deste, além de *O Nacional*, Gomercindo dos Reis também o criticava ferrenhamente. Ferreira Filho pertencia ao Partido Social Democrático (PSD) ao lado de Nicolau Vergueiro e Bittencourt Azambuja. Estes três, ao longo de suas carreiras políticas passaram por algum tipo de crítica ou persistentes denúncias administrativas provindas de *O Nacional*, antes e durante a gestão desta folha por Herculano Annes.

De acordo com Silva (2009, p.17) que estudou a administração municipal de Ferreira Filho em Passo Fundo, de 1938 a 1947, o coronel prefeito foi “escritor,

³ Gestão de 07.04.1938 a 19.08.1938.

sociólogo, jornalista e historiador”, provinha de tradicional família de São José do Norte e foi membro de algumas instituições culturais ao longo de sua jornada:

Instituto Histórico e Geográfico do Rio Grande do Sul, Instituto Histórico e Geográfico de Paranaguá, Instituto Histórico e Geográfico de Santa Maria, Academia Sul Riograndense de Letras, Academia de Letras da Fronteira Oeste, Academia Passofundense de Letras. Recebeu as medalhas de Pacificador e Marechal Caetano de Farias por trabalho de História Militar. Exerceu, entre outros, os cargos de Delegado de Polícia, Juiz Municipal, prefeito dos municípios de Bom Jesus, Passo Fundo e São Leopoldo, chefe de Gabinete da Secretaria da Agricultura, Diretor da Biblioteca Pública. Tomou parte nas diversas lutas internas que aconteceram a partir de 1923, quando, muito jovem, foi secretário e, logo depois, comandante da vanguarda da Brigada do Nordeste, do Gen. Firmino Paim Filho. Mais tarde comandou com o posto de tenente coronel, um dos corpos da Brigada do coronel Vazulmiro Dutra (SILVA, 2009, p.21).

O retorno de Ferreira Filho à administração de Passo Fundo em 1946, segundo Silva (2009, p. 38), para a situação – PSD – no período, se deveu a uma estratégia estado-novista pós-democratização, para a oposição foi meramente uma interferência dos interventores estaduais Ernesto Dornelles e Cilon Rosa. Silva (2009, p. 40) diz que tanto o *Diário da Manhã* quanto *O Nacional* “informavam a população diariamente sobre as ações programáticas dos governos municipais, estaduais e federais”, no entanto, “a linha editorial do jornal Diário da Manhã pró-Vargas noticiava com maior ênfase as ações do Estado Novo e principalmente enaltecia o governo de Ferreira Filho, sendo Túlio Fontoura um dos partidários da política do Estado Novo”; já o segundo era um crítico ferrenho do mesmo.

Quanto ao proprietário do jornal no período, Múcio de Castro, pouco se encontrou a respeito. A oposição do jornal o qual Múcio de Castro era proprietário, no que diz respeito ao coronel prefeito e à política varguista defendida por este, foi explícita no *O Nacional* após 1945, conforme Silva (2009, p. 12). Sobre o proprietário desta folha opositora, Knack (2014, p.11) traz algumas referências a respeito:

As informações sobre Múcio de Castro são escassas. Seu nome não consta no DHBB e no livro *Vultos da história de Passo Fundo*. Entre os livros que trazem algumas informações sobre sua trajetória estão *Passo Fundo: presentes da memória*, *Conheça Passo Fundo*, *Tchê!* e *Passo Fundo através dos tempos*. Pelas informações recolhidas, nasceu em 1915 e não possuía curso superior, começou trabalhando no jornal *O Nacional* como redator, editor, gerente, posteriormente comprando o jornal. Elegeu-se deputado estadual pelo PTB em 1954 (ao que parece, o único cargo político ocupado), falecendo em 1981 (KNACK, 2014, p. 11).

Considerando o vínculo partidário de Múcio de Castro marcado pela eleição de 1954, as percepções do sarcasmo demonstrado nas legendas das ilustrações

aqui analisadas poderão ser assimiladas pelo contexto político envolvido. As críticas se apresentavam conforme exemplo abaixo:



Figura 1: Uma por dia
Fonte: *O Nacional*, 20 de maio de 1946.

Além de críticas pessoais, os sarcasmos traziam muito sobre as questões partidárias vigentes no período. Em uma delas⁴, fala sobre a situação dos principais partidos locais “P.S.D versus P.T.B”, descrevendo o momento de ambos “Num intervalo de murros: Não somos os únicos a brigar... Há lutas <<intestinas>>...”. Segundo Silva (2009, p. 13), a oposição entrava frequentemente em conflito afirmando total improbidade administrativa por parte do coronel prefeito. Detalhe como o uso do veículo público para fins pessoais, como viagens sem fins claros, transporte de amigos e convidados para festas particulares eram ironizados quando o carro estava em concerto e o coronel se via supostamente a pé⁵ “Então o coronel ficou a pé, enquanto o automóvel da prefeitura está em concerto? - Ora essa... pois ele já não pertenceu aos <<pé-no-chão>> de Palmeira?...”.

Todas as acusações refletem uma sequência de mágoas guardadas pelos opositores ao longo do seu governo. No discurso de posse da segunda administração de Ferreira Filho, um dos chefes locais de maior prestígio Nicolau de Araújo Vergueiro faz menção a esses ressentimentos, oriundos das agitações políticas, por ele denominadas “*pequenas lutas internas*” (SILVA, 2009, p.35).

No entanto, a oposição era mais enfática na referência aos eleitores, por parte de Ferreira Filho, a qual era normalmente levada em conta próximo as

⁴ *O Nacional*, 22 de maio de 1946.

⁵ *O Nacional*, 23 de maio de 1946.

eleições, pois segundo *O Nacional*⁶, era quando fazia suas promessas de melhorias para a cidade, prestava contas absurdas e inexistentes. Ferreira Filho não era criticado sempre de forma exclusiva, muitas vezes Getúlio Vargas, alvo da admiração do primeiro, também passava por alguns destaques de *O Nacional*⁷: “Getulio Vargas esperado em Porto Alegre. O POPULAR – Sim senhor, aí está o cartaz da semana...”, e na edição seguinte⁸, novamente: “UM GAUCHO NO RIO: - Em 30 o <<seu>> Getulio veio com a barulheira da Aliança Libertadora e em 46 com o <<entreviro>> do PTB e do PSD...”.

Sobre o vínculo de ambos, também não passava batido⁹... “-O Getulio a esta hora está na capital e todo mundo pensa nele... -É verdade; mas o coronel prefeito <<está pensando no homem desde outubro...>>”. A irresolução partidária de Getúlio entre PSD e PTB era uma citação constante durante 1946. Em uma destas tiradas sarcásticas estava o fato de Getúlio tratar pessedeístas e petebistas como correligionários¹⁰, apesar de todo o conflito e rompimento ocorrido até 1946: “-Quer dizer que o seu Getulio <<definiu-se>> e ficou conosco mesmo?... -Perfeitamente. Chamou os petebistas e os pessedeístas de <<amigos correligionários>>...”.

Outro ponto de crítica foi quanto ao ato de formação do Conselho pelo coronel prefeito, um conselho que não estava na lista de intenções para opinar, mas correspondia à formação necessária para manter o ideal partidário varguista, que se dava pela ordem imposta pelo partido. Mas, mesmo nesta compreensão, o sarcasmo não perdoava¹¹: “Vou te dar um <<conselho>>... -Comigo não. Quem gosta de <<conselhos>> é o coronel...”, a persistência da tirada reflete na edição seguinte¹²: “-O coronel não te convidou para o CONSELHO? -Não, porque ele não tem <<confiança>> em mim...”.

A desqualificação do perfil administrativo de Ferreira Filho apontado pela oposição está inteiramente ligada a uma série de obras públicas importantes não realizadas, bem como, os gastos do dinheiro público em festas de confraternização. Para os interventores estaduais essas denúncias passavam despercebidas, além disso, Ferreira Filho atendia aos interesses políticos da

⁶ *O Nacional*, 24 de maio de 1946: “Meus senhores! Peço calma na análise dos atos do nosso *chefe*... O coronel está cumprindo o seu dever: 1º) conservou o cartório de Santa Rosa; 2º) mantém-se firme no posto prefetural; 3º) faltam-lhe poucos *amigos* para colocar; 4º) como sempre, continua em casa “pensando no seu Getulio” e agora está *pensando* em nós... para as eleições estaduais...”

⁷ *O Nacional*, 28 de maio de 1946.

⁸ *O Nacional*, 30 de maio de 1946.

⁹ *O Nacional*, 31 de maio de 1946.

¹⁰ *O Nacional*, 01 de junho de 1946.

¹¹ *O Nacional*, 03 de junho de 1946.

¹² *O Nacional*, 04 de junho de 1946.

política estado-novista na região, por ser um cargo de confiança ele não precisava do aval da população para manter-se no poder (SILVA, 2009, p. 82).

Conforme apresentado pela autora, a crítica aos gastos com combustível, com o dinheiro público, para o automóvel do coronel prefeito não expressava absurdo algum aos correligionários dele, “-Então, para o leite e medicamentos das crianças pobres, só 5 mil cruzeiros por ano? -Em compensação, 22 mil cruzeiros para a gasolina de <<914>> do coronel¹³...”; Na edição sequencial¹⁴, o sarcasmo continua “-Hoje estou nervoso. No meu exame de sangue encontraram três cruzeiros de Wasserman. -Cruzeiros!... Porque não tomas o <<914>> do coronel? Era <<uma vez>> placas... amarelas”.

O problema administrativo de Ferreira Filho já provinha de suas gestões anteriores¹⁵, segundo *O Nacional* citou diversas vezes, não ouvia seus conselheiros¹⁶, desprezava seus críticos¹⁷, tinha a cega obediência a Getúlio¹⁸, persistia na ênfase à coalisão partidária¹⁹, mantinha suas viagens²⁰ e necessidades festivas²¹ em primeiro lugar, era acusado de ludibriar²² o povo, não cuidava dos locais de referência cultural²³ e, ao mesmo tempo em que era acusado de

¹³ *O Nacional*, 06 de junho de 1946.

¹⁴ *O Nacional*, 07 de junho de 1946.

¹⁵ *O Nacional*, 19 de junho de 1946: “-O coronel é <<amoroso>>... -Na verdade, é um eterno <<enamorado>> da Prefeitura e do Cartório...”.

¹⁶ *O Nacional*, 08 de junho de 1946: “...E si o coronel não ouvir os conselheiros? -Bem, si não será Conselho e sim uma <<sinuca>>... para o coronel...”.

¹⁷ *O Nacional*, 14 de junho de 1946: “-A última <<encíclica>> coronelícia é riquíssima de recalques, <<paixões mesquinhas>> e <<ódio incontrolado>>... -Tá certo, mas, em nome do coronel, jogo sobre tua cabeça a maldição, <<cobrando-te de desprezo>>...”.

¹⁸ *O Nacional*, 15 de junho de 1946: “-Observaste aquela expressão inicial da <encíclica> coronelícia: <<...Quando em pleno regime da ditadura exerci as funções de prefeito...>>? -Se observei... O coronel ficou tão sem jeito que parecia se achar em casa, <<pensando no Getúlio...>>”.

¹⁹ *O Nacional*, 21 de junho de 1946: “-E a coalisão? Está <<dando pano pra manga>>!... - Perfeitamente: <<manga à beira>>...”; reiterado no *O Nacional*, 11 de julho de 1946: “-Então o Getúlio é a favor da <<coalisão>>... -De fato, ele está dando mostras de um <<trabalhista>> consciente, de um <<peessedista>> leal e de um <<udenista>> destemido...”.

²⁰ *O Nacional*, 22 de junho de 1946: “-E as viagens do <<chefe>> cessaram? -Não, reiniciam na próxima semana, após a lubrificação do <<914>>...”. E, novamente em *O Nacional*, 08 de julho de 1946: “-Então o IMPERIAL voltou a funcionar? -Na verdade. E o fechamento do Coliseu não ocasionou nem mortos, nem feridos, apesar de todo barulho e das distrações gratuitas...”.

²¹ *O Nacional*, 27 de junho de 1946: -O coronel deixou o nosso convívio por uns dias...

-Sim... Cantemos em coro: <<Voltarás... voltarás...>>.

²² Ganhou o apelido de trust mirim em *O Nacional*, 29 junho de 1946: “-Que pensas do <<trust mirim>>? -Atingiu ao caminho <<preto>>...”; *O Nacional* justificou sua atitude crítica em 02 de junho de 1946: “-Também, si O NACIONAL não ataca este trust preto, até onde iria o povo <<ludibriado em sua boa fé>>? -Ora, o pulguento <<casarão>> passaria daquele jeito aos descendentes do <<trust>> e o <<negocio>> continuaria...”.

²³ *O Nacional*, 04 de julho de 1946: “Um habituê do casarão coliseu: <<Meu Deus! Estou todo <<preto>> de raiva! Gastei Cr\$5,00 para ver <<abacaxi>>, as pulgas transformaram meu corpo num <<campo de concentração>>! Era domingo. Minha mulher foi <<brindada>> com um cartão do dia da

posicionar-se em prol de Vargas, negava-se à imprensa opositora seus atos quereristas²⁴.

As pesadas críticas ganham uma entonação diferenciada quando alguns dissidentes, antes apoiadores de Ferreira Filho, começam a surgir²⁵: “-...E os <<maldizentes>> afirmam que certos <<vassalos>> começaram a abandonar as hostes coronelícias... -Pudéra! Onde se viu <<piolho morar em defunto?>>...”. Por outro lado, a imprensa opositora também desejava que os generais²⁶ impusessem o afastamento de indicados ao cargo local, o argumento se dava em primeiro lugar porque os candidatos indicados segundo a regra de intervenção não poderiam ser integrantes da sociedade nas quais assumiriam a posição de prefeito interventor; em segundo lugar, esta regra parecia não ser sempre cumprida pelos interventores nas indicações à prefeitura em Passo Fundo. No mesmo período, uma crise financeira envolvendo o setor ferroviário influenciava o posicionamento de alguns integrantes do PTB, por isso a folha levantava a suspeita de que alguns políticos seriam desviados junto ao comboio de removidos e demitidos pela Viação Férrea, e assim se deu. Benvegnú (2006, p. 42) relata que mediante a crise partidária que se arremeteu, o PTB²⁷ aproveitou o ensejo para afastar-se do cap. Telmo Azambuja²⁸, recém-ingresso no partido, provindo do PSD.

A autora ainda comenta que foi a partir disso que “Telmo Azambuja, passou a liderar a primeira ampla dissidência trabalhista que agregou adeptos de todo o Rio Grande do Sul. No entanto, entre os próprios dissidentes, não havia consenso quanto às posições políticas, salvo o caso local. No âmbito estadual, dividiram-se” (BENVEGNÚ, 2006, p. 46). Tal posicionamento é enfatizado também nas ilustrações

moda, bonificação preta que veio amenizar o meu sofrimento... Mas, quarta feira, cai com mais Cr\$0,50, além do cartão... Ah! Esse <<trust mirim preto>> um dia há de <<clarear>>...”; E, novamente, em *O Nacional*, 06 de julho de 1946: “-Então, quando partes para Roma? -?! -Não disseste que ias visitar as ruínas do Coliseu? -...Ah! Sim, mas me referia as ruínas do Coliseu de Passo Fundo...”.

²⁴ *O Nacional*, 15 de julho de 1946: “-...Mas achas que o coronel é <<queremista>>?... -Quer dizer... Si eu digo que <<sim>> ele diz que <<não>>; Si digo que <<não>> ele diz que <<sim>>... Em face disso, <<me fecho>>...”.

²⁵ *O Nacional*, 20 de julho de 1946.

²⁶ *O Nacional*, 23 de julho de 1946: “-Então os generais são os <<culpados>>? -Sim... Mas os <<coronéis>> também tem culpa no cartório...”. *O Nacional*, 24 de julho de 1946: “-...E que destino terão os <<coronéis>> se o general disse <<não queremos>>...? -Ora rapaz! Entrarão em gozo de férias fora de época”.

²⁷ *O Nacional*, 31 de julho de 1946: “-Dizem que os ferroviários removidos e demitidos estão sendo chamados pela Viação Férrea. -Essa decisão não será uma <<manobra>> para pôr no <<desvio-morto>> algum comboio de políticos indesejáveis?...”.

²⁸ *O Nacional*, 01 de agosto de 1946: “-Na verdade, <<nem tudo são flores entre o coronel e o deputado Azambuja>>... -Também o coronel enlevado pela ROSA méte-se a colher espinhos...”.

do “Uma por dia²⁹”, “-Então os prefeitos começaram a <<impetrar>> pedidos de demissões? -Sim, exceto os <<coronéis>>...”. A partir deste episódio, Telmo Azambuja encontrava-se sem partido, inviabilizado de candidatura e influenciando os descontentes com o PTB, motivo que foi retratado nos sarcasmos de *O Nacional*³⁰: “-Dizem que alguns petebistas vão mudar o nome do partido... -De fato. Pretendem fundar o Partido da Expulsão...”.

Com frequência, *O Nacional*³¹ alegava que o coronel prefeito não se reportava com respostas às suas críticas, mas dava a entender que fazia uso de sua posição para tentar intimidá-los “...Mas coronel, como está seu <caso> com O NACIONAL? -<...Não o conheço... -Porém, si ele me *machucar*, aí estão meus advogados para fazerem respeitar o meu título de *coronel*...>³²”. Relatavam ainda que, quando se forçava a responder inexecuções de obrigações e obras prometidas³³, sempre encontrava uma justificativa³⁴ de cunho maior, no exemplo da energia elétrica culpava o general interventor³⁵, omitia as irrupções partidárias³⁶, fugia da cidade quando o caos ocorria³⁷, mantinha descaso com a segurança pública³⁸ e, além de toda esta ênfase, ainda era alegadamente um “faz nada”³⁹ que

²⁹ *O Nacional*, 03 de agosto de 1946.

³⁰ *O Nacional*, 17 de outubro de 1946.

³¹ Não é possível especificar a sessão, pois o jornal não possuía isto de forma segmentada.

³² *O Nacional*, 08 de agosto de 1946. Não é possível especificar a sessão, pois o jornal não possuía isto de forma segmentada.

³³ *O Nacional*, 21 de agosto de 1946: “-...E agora o coronel prefeito vai mandar tapar a buracama que <ornamenta> as ruas da cidade. -Ia... Porém a verba para esse fim se destinará á compostura do <sacrificado> <914>...”.

³⁴ *O Nacional*, 27 e 28 de agosto e 10, 16, 21, 23, 24, 25, 26 e 27 de setembro de 1946. Novamente em *O Nacional*, 03 de outubro de 1946.

³⁵ *O Nacional*, 09 de agosto de 1946: “-... Então o gal. Cordeiro é o provável interventor? - Justamente... É aquele mesmo gal. Oswaldo que o coronel prefeito culpou de haver prejudicado a energia elétrica de P. Fundo...”; *O Nacional*, 15 de agosto de 1946: “-E o gal Dutra que não cessa de chamar os interventores!... -Ah! É para um <concílio> destinado á <desencarnação>...”.

³⁶ *O Nacional*, 10 de agosto de 1946: “-Mas como explica aquela <grave denuncia> ao dr. Jobim, contra o deputado Azambuja? -Então, não compreendes que o coronel está estabelecendo a <<colisão>> entre ambos, para evitar a <<coalisão>>?...”. *O Nacional*, 19 de agosto de 1946: “-Não achas que os petebeístas andam agitados intra-muros? -Ora, não estão fazendo nada mais que um <<trabalhismo>> para <harmonizar> o partido...”. Repete ainda em *O Nacional*, 29 de agosto, 05 e 19 de setembro, 02, 07, 28, 29 e 30 de outubro de 1946.

³⁷ *O Nacional*, 12 de agosto de 1946: “-Então, o coronel vai mais uma vez á metrópole? -Sim... Está temeroso que, em consequência das chuvas, venha a faltar luz para a cidade...”; *O Nacional*, 13 de agosto de 1946: “-...Então o <<914>> encontrou se <<walterloo>>?... -Não! Apenas protestou contra o <sacrifício> que lhe impoz o coronel...”; *O Nacional*, 14 de agosto de 1946: “-...E depois da <catástrofe> o homem prosseguiu a marcha? -É lógico. O <nosso> coronel não recua diante do primeiro revez... só no *último*...”. *O Nacional*, 03, 04 e 06 de agosto de 1946. *O Nacional*, 09, 10, 11, 15, 18, 23, 24 e 31 de outubro de 1946.

³⁸ *O Nacional*, 22, 24 e 26 de agosto de 1946.

³⁹ *O Nacional*, 08 de outubro de 1946.

vivia de conveniências⁴⁰. Toda esta insatisfação não ocasionava o ato demissional ou ato da renúncia e, a partir daí poemas de um certo João Alferes⁴¹ começaram a aparecer na sequência das sátiras de “Uma por dia”:

Quadrinhas sem métrica
E o prefeito não se demite...
Que terra <<mã<> é esta
Que um edil assim permite?
<<suportar>> não é programa...
Ele assim não se demite...

Em toda parte do mundo
Há sempre certo limite.
Aqui suportamos tuto...
<<Ele>> assim não se demite...

Com este edil que temos...
Não há nada que se evite...
Coisa boa é que não vem.
E o prefeito não se demite!

João Alferes

João Alferes não possuía a mesma frequência da sessão “Uma por dia”, mas em 1946 chegou a aparecer por duas edições no mês de outubro. Na segunda⁴², foi ainda mais direto do que na primeira aparição crítica:

Quadrinhas sem métrica
Só o prefeito não deixa do cargo!

Dom João, que foi nosso rei,
Deixou o Brasil e o seu encargo...
Nosso Prefeito, que é mais esperto,
Entronizou-se no seu cargo...

Pedro Primeiro, o Imperador,
Bebeu também do chá amargo...
O sete de abril derrubou-o!
...Mas nosso Prefeito não deixa o cargo...

Pedro Segundo faleceu na Europa,
A quem amamos, sem embargo.
Mas nosso prefeito, que é inteligente,
Não quer mesmo deixar seu cargo...

João Alferes

⁴⁰ *O Nacional*, 19 de outubro de 1946: “-A que partido pertences?... -Não <vou> com partidos. Sou da teoria do coronel: onde há emprego, adiro...”. *O Nacional*, 21 de outubro de 1946: “-Querias ser alguma coisa nesse emaranhado partidário? -Sim... Gafanhoto, por exemplo...”. *O Nacional*, 22 de outubro de 1946: “-Que pretendes do próximo pleito? -Sossego...”.

⁴¹ *O Nacional*, 08 de outubro de 1946.

⁴² *O Nacional*, 22 de outubro de 1946.

Apesar de tanto enfoque no coronel prefeito, *O Nacional* não deixava de satirizar o próprio ato da denúncia⁴³: “-E esses homens do O NACIONAL que nos jogaram, para o resto da vida, nesta tal de <Uma por dia>?! -Ora, isso poderia ser pior... Não reclama, porque eles podem nos atirar na <Uma por noite>...”. Nada obstante, a situação partidária também começava a abrir horizontes para outros partidos de menor representatividade local serem satirizados⁴⁴, “-Então os camaradas de Prestes vão realizar outro comício? -De fato. E prometem deixar muita gente <vermelha> de tanta verdade que se propõem dizer...”. Prestes e seu partido comunista, começavam a ser lembrados, de alguma forma, pelo *O Nacional*.

Com exceção das provas de devoção Getulista, o coronel prefeito deixava parcerias dissidentes pelo caminho. Em vista desta deixa, ganhou o apelido de “coronel embaixador⁴⁵” por parte do Dr. Odalgiro, suas atitudes também eram avessas e qualificadas como “elegância coronelícia⁴⁶”, apelante a qualquer um como sua “taboa de salvação⁴⁷”, escolhendo o lado que melhor de convém⁴⁸. O jornal fazia constante referência ao posicionamento democrata ou republicano em uma forma geral, pois ambos acabavam por apoiar indiretamente Getúlio e os dissidentes de um acabavam por integram-se no outro, “-Você é democrata ou republicano? -Mas, afinal, não dá no mesmo?⁴⁹”.

Tal confusão, também ocorria nos discursos políticos realizados: “-Que te parece o socialismo do Pasqualini? -Pois até agora, apesar do seu vasto e bonito discurso, ele não explicou se é da direita ou da esquerda...⁵⁰”. Vez que outra retomavam as deixas administrativas, algumas obras não executadas como a da represa⁵¹, mas o foco de acompanhar cada passo do coronel prefeito não se dispersava. Diziam que o coronel prefeito tinha a capacidade de diluir-se “como a fumaça no cachimbo⁵²” da qual era usuário, davam os passos da substituição do uso

⁴³ *O Nacional*, 31 de agosto de 1946.

⁴⁴ *O Nacional*, 04, 14, 16 de outubro de 1946.

⁴⁵ *O Nacional*, 01 de novembro de 1946.

⁴⁶ *O Nacional*, 04 de novembro de 1946.

⁴⁷ *O Nacional*, 05 de novembro de 1946.

⁴⁸ *O Nacional*, 21 de novembro de 1946.

⁴⁹ *O Nacional*, 13 de novembro de 1946.

⁵⁰ *O Nacional*, 18 de novembro de 1946.

⁵¹ *O Nacional*, 19 de novembro de 1946.

⁵² *O Nacional*, 20 de novembro de 1946. Novamente em *O Nacional*, 02 de dezembro de 1946.

do 914⁵³ por viagens mais frequentes de avião e, ainda, contavam com a possibilidade das candidaturas às próximas eleições conterem o tal “coronel perfeito⁵⁴” levando-o a deputado e afastando-o de sua desastrosa administração municipal.

O problema que viam, e que não deixavam em hipótese alguma passar despercebido, era de que pela falta de posicionamento e compromisso com certos aliados influentes, não podia garantir parcerias para a candidatura “coronel-prefeito-notário-deputado⁵⁵” e, em vista da indefinição do candidato ao qual apoiava – Getúlio Vargas – sequer podia direcionar-se a eleitores específicos, pois a novela circulava entre PSD e PTB⁵⁶: “-O coronel ex-prefeito-futuro deputado afirmou, numa de suas excursões ao interior: ‘...os trabalhadores, fieis ao Dr. Getulio Vargas, estão com o meu partido...’ -Mas qual dos partidos? –perguntou um dos circunstantes...”. No entanto, a devoção de Ferreira Filho para Getúlio não se esvaia mesmo neste arsenal de dúvidas: “-Qual será a posição do exmo. Senhor coronel prefeito deputado com relação à situação de vargas? [sic] -Ah, sim. O coronel vai retificar aquela frase pronunciada no seu <shangri-la>: Todas as portas se abrem para o Dr. Getulio Vargas e eu estou em casa⁵⁷”.

A hoste coronelícia não possuía apoio de forma alguma, nem para permanecer na prefeitura, nem para eleger-se deputado: -Queres definir como se considera um sujeito <amigo da onça>?... -Por exemplo, si me aconselhares a votar no coronel prefeito, serás, então, <um amigo > da dita cuja...⁵⁸”. Mas, o apoio para sumir do governo local, este sim, era dado pela folha: “-Então o coronel ex-prefeito <largou> o <posto de sacrifício> e vais ser parlamentar?... -Sim... Mas <já vai tarde>...⁵⁹”. Sobre a crença inabalável do coronel de que iria se eleger para o cargo de deputado, o sarcasmo já beirava a ironia: “-...Mas o coronel ex-prefeito é um <<fervoroso católico>>... -De fato. Foi ele quem <<rezou>> a primeira missa no Brasil...⁶⁰”.

⁵³ *O Nacional*, 22 de novembro de 1946.

⁵⁴ *O Nacional*, 23 de novembro de 1946.

⁵⁵ *O Nacional*, 25 de novembro de 1946.

⁵⁶ *O Nacional*, 26 de novembro de 1946.

⁵⁷ *O Nacional*, 06 de dezembro de 1946.

⁵⁸ *O Nacional*, 07 de dezembro de 1946.

⁵⁹ *O Nacional*, 09 de dezembro de 1946.

⁶⁰ *O Nacional*, 12 de dezembro de 1946.

O afastamento do cargo ainda não havia se dado, mas o possível substituto já tomava tento da administração, tentava alinhar-se às questões postas pelo coronel prefeito: “-O dr. Gelso Ribeiro já teria notado um caso de flagrante acumulação de cargo numa das diretorias da Prefeitura? -Deixe o novo Prefeito <tomar pé>. Recém ele entrou nos domínios do coronel...⁶¹”. Mesmo neste processo transitório, consideravam o tal “coronel ex-prefeito⁶²” um brilhante corredor, por sua alegada fuga das responsabilidades, por parte dos críticos de *O Nacional*. Foi considerando isto que o periódico o tratava com um sarcasmo irônico durante o último mês de envolvimento do coronel com a administração local, tratava-se de um nato “católico”, vivia de crenças⁶³ e comportava-se como um “sacristão”, dando o sumiço⁶⁴ necessário aos recursos da prefeitura.

Por ser um “fiel católico⁶⁵”, a crucificação era justa, segundo a folha opositora, pois o coronel ex-prefeito era uma “imitação de cristo⁶⁶” em seus atos. Seria puro sarcasmo se não adentrássemos no histórico de apoios e desapoios do coronel, o que o colocava na posição de ironizado, pois suas constantes mudanças de apoio político por conveniência não passavam despercebidas: “...Mas o bacharel Odalgiro tem discursado ultimamente... De fato... Si não fosse o <azar coronelício>, toda a sua verbosidade iria jorrar na Assembleia...⁶⁷”. Deste conflito com Odalgiro, que há muito havia perdido estimas do instável Ferreira Filho, não se tinha tratativa de acerto por ambas as partes, “-Da carta feita, o bacharel Odalgiro mandou um esculápio < acertar o relógio pela hora do Brasil>... -Sim... Porém o <catolicismo> do coronel ex-prefeito fez o homem acertar o relógio pela hora da <Catedral>...⁶⁸”, mas meramente por que não partia um contraponto de vantagem⁶⁹ para o coronel, pois “a requintada democracia e a religião do coronel tudo perdoam e redimem⁷⁰”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

⁶¹ *O Nacional*, 13 de dezembro de 1946.

⁶² *O Nacional*, 16 de dezembro de 1946.

⁶³ *O Nacional*, 19 de dezembro de 1946.

⁶⁴ *O Nacional*, 18 de dezembro de 1946.

⁶⁵ *O Nacional*, 21 e 25 de dezembro de 1946.

⁶⁶ *O Nacional*, 26 de dezembro de 1946.

⁶⁷ *O Nacional*, 27 de dezembro de 1946.

⁶⁸ *O Nacional*, 28 de dezembro de 1946.

⁶⁹ *O Nacional*, 30 de dezembro de 1946: “-Que tal achaste a plataforma do candidato coronel ex-prefeito? -Muito boa, porém, esqueceu duas coisas: 1º) Pugnar pela vitaliciedade dos prefeitos. 2º) Defender a indivisibilidade dos cartórios rendosos...”.

⁷⁰ *O Nacional*, 31 de dezembro de 1946.

A abrangência crítica do sarcasmo nas ilustrações era muito maior do que nas matérias dispostas no jornal *O Nacional*. A ênfase dada nos processos administrativos não cumpridos não faltava no espaço “Uma por dia”, mas nas matérias eram expressadas com maior cautela. Apesar das divergências entre PSD e PTB, a transição entre um partido e outro não era raridade, pelo contrário, tornava-se prática comum por terem em suas matrizes fundadoras a ideologia varguista. Não significava que os dissidentes destes deixavam de apoiar Vargas no cenário nacional, este ponto fica claro no contexto histórico pelas diversas tentativas de alianças entre os partidos gaúchos, mas reforçava a diretriz de certos grupos constituídos na sociedade passofundense.

Em *O Nacional* é possível acompanhar claramente como o processo se deu traçando a informação por parte dos opositores, mas ficam claras as brechas onde a situação se abraçava para defesa. O ato de ignorar a comunicação realizada pela folha opositora não foi determinante para que as ilustrações sarcásticas deixassem de marcar presença na primeira página, pelo contrário era o combustível para o compartilhamento ideológico da folha. Os problemas eram recorrentes, a abrangência do cenário não se limitava ao local, percorria questões regionais, nacionais e internacionais. O jornal mantinha sua ênfase em tornar pública as informações que obtinham o quanto antes, mas não deixavam de ironizar ou utilizar sarcasmo nas questões conflitivas com a diretriz ideológica.

Cumpre-se a função social de informar, mas não abandona o posicionamento de interpretar fatos como forma de pautar-se no argumento de que estava facilitando a compreensão do leitor. Por isto que, ao observar as ilustrações, só se obtinha sentido na ciência do contexto político-social vivido no período do recorte e, ainda, no acompanhamento das questões apresentadas de forma textual no jornal diário. O posicionamento e as expressividades não se davam com exclusividade por se tratar da figura de Múcio de Castro na direção da folha, mas sim pela posição de independência ideológica a que se supunha propor como diretriz da mesma.

Por este motivo, fechar os olhos às peripécias do coronel prefeito Arthur Ferreira Filho, parecia inadequado e ilógico ao jornal opositor. Pelo seu cunho informativo mantinha o ideal de apontar os problemas na gestão de Ferreira Filho no município de Passo Fundo, mas transitava na linha tênue que separa a informação

da opinião, pois suas ilustrações possuíam figuras recorrentes publicadas. Independente do cunho ideológico e das preferências de crítica, *O Nacional* foi o primeiro jornal de Passo Fundo a utilizar-se desta artimanha para emitir sua visão sobre os acontecimentos políticos.

REFERÊNCIAS

Bibliográficas

ARAGÃO, Octavio Carvalho. *Cartum, do impresso à Internet: narrativa sequencial e humor disjuntivo*. REVISTA USP, São Paulo, n.88, p. 112-121, dezembro/fevereiro 2011.

BELTRÃO, Luiz. *Iniciação à filosofia do jornalismo*. Rio de Janeiro: Editora Agir, 1960.

BENVEGNÚ, Sandra Mara. *Décadas de Poder: O PTB e a ação política de César Santos na Metrópole da Serra 1945-1967*.

CHARAUDEAU, Patrick. *Discurso das mídias*. São Paulo: Contexto, 2006.

DAVIES, Christie. Cartuns, caricaturas e piadas: roteiros e estereótipos. In: LUSTOSA, I. (org.). *Imprensa, humor e caricatura: a questão dos estereótipos culturais*. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2011, p. 93-124

DOLABELLA, Ana Rosa Vidigal. *Leitura de Imagens no jornal – Humor gráfico, mídia e Educação*. Rev. Estud. Comun. Curitiba, v. 8, n. 17, p. 265-275, set./dez. 2007.

HEINSFELD, Adelar. *Sob a Inspiração de Clio: Uma introdução ao estudo da história*. 2ª Ed. São Paulo: Digital Publish; Passo Fundo: PPGH-UPF, 2013.

HOLANDA, Aurélio Buarque de. *Dicionário Aurélio*. 8ªEd. Salvador: Positivo Editora, 2010.

KNACK, Eduardo Roberto Jordão. *Elite de Passo Fundo/RS entre 1945 e 1964: do local ao regional*. Revista Eletrônica História em Reflexão: Vol. 8 n. 15 – UFGD – Dourados, jan/jun – 2014.

MARINGONI, Gilberto. *Humor da charge política no jornal*. Comunicação e Educação, São Paulo, 85 a 91, set./dez. 1996.

ORLANDI, Eni. *Análise de discurso: princípios e procedimentos*. Campinas: Pontes Editores, 2001.

PRIORI, Mary Del; Venancio, Renato. *Uma breve história do Brasil*. São Paulo: Planeta, 2010.

RIBEIRO, Lavina Madeira. Imprensa e Literatura. In: *Imprensa e Espaço Público – A Institucionalização do Jornalismo no Brasil (1808-1964)*. Rio de Janeiro: E-Papers Serviços Editoriais, 2004, p. 159-266.

SANTOS, Ana Carolina Lima. *Estratégias de produção de sentidos: uma reflexão sobre a comicidade e a metáfora na ilustração fotográfica*. Discursos fotográficos, Londrina, v.5, n.7, p.99-124, jul./dez. 2009.

SCHMIDT, B. B. *Em Busca da terra da promessa: a história de dois líderes socialistas*. Porto Alegre: Palmarinca, 2004.

SILVA, Adriana Ferreira da. *De que verdade falou-se? A Oposição na Administração de Arthur Ferreira Filho em Passo Fundo (1938-1947)*. 2009. Dissertação (Mestrado em História) – Universidade de Passo Fundo, Passo Fundo, 103p.

Fontes:

Jornal *O Nacional*, de janeiro a dezembro de 1946 – Arquivo Histórico Regional.

Jornal *O Diário da Manhã*, de janeiro a dezembro de 1946 – Arquivo jornal Diário da Manhã.